

O CASMURRO : *semanário humorístico, teatral e charadístico* – hebdomadário lisboeta publicado, em regra, à 2.^a feira¹, ao longo de 50 números, entre 8 de Maio de 1905 e 10 de Fevereiro de 1907.



Cabeçalho de *O Casmurro* durante o 1.^o ano de publicação

Sob a égide de um burro que lhe ilustrava o cabeçalho², era periódico de simples entretenimento, repositório de dichotes, anedotas, charadas, historietas, poesias ligeiras, notícias e má-língua teatral, facécias e fadinhos que mais não visava do que a boa disposição dos leitores. O editorial de apresentação ao n.^o 1³, intitulado “A Cantiga do costume”, deixava claro o âmbito e o tom da publicação:

«Alegrem-se as barriguinhas dos nossos alfacinhas e habitantes das povoações circunvizinhas porque vão ter umas piadinhas de fazer rir as estopinhas até... rebentar as ceroulinhas e as calcinhas. Ei-lo:

O Casmurro, jornal de esturro que fará sussurro, que nem a murro será menos burro que um burro (que somos).

É *complicadíssimo* [sic] o nosso programa assim como a linguagem que vamos adoptar que será a nossa língua *complicada* (com licença do Caturra Júnior) para evitar que hajam [sic] tantos doutores e tantos literatos como nós. — A nossa língua é *complicada* [sic] e tem tanta complicação que

¹ Começou por se publicar à 2.^a feira, entre o n.^o 1, de 8 de Maio de 1905, e o n.^o 35, de 25 de Dezembro desse ano (com exceção do n.^o 19, especial, de 9 de Setembro de 1905, publicado ao Sábado). Entre o n.^o 36, de 4 de Janeiro de 1906, e o n.^o 39, de dia 27 seguinte, saiu à 5.^a feira; o n.^o 40, de 3 de Fevereiro de 1906, saiu ao Sábado, e o n.^o 41, de 11 desse mesmo mês, ao Domingo. Voltou a ser dado a público às 2.^{as} feiras entre os n.^{os} 42 (19 de Fevereiro de 1906) e 45 (15 de Março de 1906). Do n.^o 46 (6 de Janeiro de 1907, primeiro número do 2.^o ano) em diante foi publicado ao Domingo.

² A ilustração do cabeçalho estava assinada por **Pires Marinho**, gravador (fl. entre 1894 e 1916).

³ P. [1].

nem uma criança aos setenta anos poderá fazer exame de primária instrução e sair-se limpa.

Este novo sistema de *escrevinhação* será usado quando estiver mau tempo, que é como quem diz — está a chover!

O novato que hoje se apresenta está animado dos melhores desejos de: em primeiro lugar aliviar os tristes (Alívio de tristes, sem reclame ao poeta Correia de Oliveira) e em segundo lugar mostrar as belas *dias* penas [*sic*] que por aqui abundam e como na vida não há só *agleria* [*sic*] *alegre*, tembem [*sic*] teremos uns bocadinhos de *tristeza triste*.

Às pessoas que ainda não se encontrem fartas de dar mil voltas ao *caco* pelo atraso da renda da casa, relaxo da contribuição da dita, calote no padeiro, tendeiro e mais coisas que nós sabemos; podemos mimosear com a parte charadística aonde encontrarão variado sortimento de charadas e enigmas em todos os padrões.

É grande a nossa aversão a duas cavalheiras, que são: Dona Política com quem não nos convém ter relações por causa das moscas, e Dona Pornografia que também será corrida cá de casa, porque é menina de má nota e nós só queremos notas boas (As do Banco de Portugal, por exemplo!)

O nosso maior desejo consiste em que **O Casmurro** possa ser lido e relido por toda a gente desde o mais brejeiro à menina mais recatada, que toque piano ou que não toque por não saber tocar.

E toca-nos agora a vez de tocar nas algibeiras dos nossos prezados leitores, curvando-nos reverentes, assentando as quatro mão [*sic*] e pedindo misericórdia!

E demais, quem não terá cinquenta reais mensais para gastar em jornais! Aqui estamos nós que ainda o mês passado, depois de algumas economias conseguimos reunir setenta e cinco réis no bolso do colete!

Terminamos com a cantiga do costume: Muitos *mereis e obrigados*.

O Casmurro»

Com quatro páginas (não numeradas) por exemplar⁴, compostas a três colunas — onde, para além das disposições tipográficas próprias a um jornal de charadismo, se nota um contínuo aprimoramento dos recursos decorativos e um incremento do uso de imagens⁵ —, **O Casmurro** vendia-se ao preço unitário de 10 réis, ou por assinaturas de 50 e 150 réis (mensal em Lisboa e trimestral na província, respetivamente)⁶.

A sua redação e administração transitou entre a inicial Rua do Vale de Santo António, n.º 121, 2.º, para a Travessa da Mãe d'Água, n.º 27, r/c (a Santa Bárbara)⁷ e, depois, para a Rua do Diário de Notícias, n.º 93⁸, juntando-se à

⁴ Exceção no n.º 38, de 18 de Janeiro de 1906, com 8 páginas. A página final de cada exemplar era exclusivamente preenchida com publicidade.

⁵ Logo desde o n.º 4 (29 de Maio de 1925), *O Casmurro* inseriu sempre uma fotografia ou caricatura na 1.ª página; a partir do n.º 22 (25 de Setembro de 1905) aumentou o recurso à fotografia, com a inserção frequente de 3 imagens por número. Assinale-se ainda a publicação de uma pequena banda desenhada no n.º 38 (de 18 de Janeiro de 1906), p. [4], sob o título “Contos mudos”.

⁶ Do n.º 31 em diante (27 de Novembro de 1905), passou a haver assinatura única, trimestral, de 150 réis.

⁷ A partir do n.º 9, de 3 de Julho de 1905.

⁸ A partir do n.º 22, de 25 de Setembro de 1905.

Imprensa Lucas que funcionava nesta morada e onde **O Casmurro** foi impresso ao longo do seu primeiro ano. A partir do segundo ano de publicação⁹, o jornal passou a estar sediado na Rua de Santa Bárbara, n.º 21, 1.º Dto., e a sair dos prelos da tipografia da Praça da Alegria, n.º 29.

Foram seus proprietários e diretores **Carlos Lopes (1876-1970, pseud. Selpo)**¹⁰, **Artur Arriegas (1883-1924, pseud. Rei Segára)**¹¹ e **Augusto Abel dos Santos (ca. 18-- , pseud. Mil-Flores)**¹². O redator principal d'**O Casmurro** foi **Arnaldo Ribeiro (1879-?, pseud. La Dorna)**¹³, e o seu administrador, ainda que por brevíssimo período, **Cândido Torresão (pseud. K. K. TO)**¹⁴. Permanente ao longo da vida deste jornal foi **Cândido Chaves (ca. 18--)**, editor ao longo dos 50 números.

Com exceção daquele último, todos colaboraram nas páginas d'**O Casmurro** com elementos diversos, assinados com os pseudónimos indicados ou outros não declarados, chegando mesmo **Cândido Torresão** e **Artur Arriegas** a assinarem "folhetins" publicados entre os n.ºs 9 e 15¹⁵. A eles se juntaram, como colaboradores, **Ricardo Casanova** (na área artística)¹⁶, **D. João da Câmara (1852-1908)**¹⁷ e **Alfredo Albuquerque Júnior**¹⁸.



Cabeçalho de *O Casmurro* no 2.º ano de publicação

⁹ N.º 46, de 6 de Janeiro de 1907.

¹⁰ Apenas no 1.º ano de publicação; v. texto do Dr. Júlio Mendes sobre Carlos Lopes, e sua fotografia, no n.º 23, de 2 de Outubro de 1905, pp. [1-2].

¹¹ V. texto de Rodrigo de Moraes sobre Artur Arriegas, e sua foto, no n.º 29, de 13 de Novembro de 1905, p. [1].

¹² Este apenas no 2.º ano de publicação de *O Casmurro*.

¹³ Pelo menos até ao n.º 23, de 2 de Outubro de 1905, quando o seu nome e função deixam de aparecer no cabeçalho do jornal e deixa de ser visível a sua colaboração. V. texto sobre Arnaldo Ribeiro, e sua fotografia, no n.º 44, de 5 de Março de 1906, p. [1].

¹⁴ De colaborador desde o 1.º número, Cândido Torresão passou a redator no n.º 3, de 22 de Maio de 1905, e, depois, a administrador a partir do n.º 14, de 7 de Agosto seguinte. No n.º 16, de [21] de Agosto, o seu nome e função já não são enunciados em cabeçalho.

¹⁵ De 3 de Julho a 14 de Agosto de 1905, folhetins publicados na página [2] de cada número.

¹⁶ V. n.º 6, de 12 de Junho de 1905, p. [3].

¹⁷ V. n.º 24, de 9 de Outubro de 1905, p. [2].

¹⁸ V. n.º 45, de 15 de Março de 1906, p. [1].

O Casmurro teve duas vidas. Uma, ao longo do primeiro ano de publicação, de 8 de Maio de 1905 a 15 de Março de 1906¹⁹, parecendo em contínuo ascendente (não fosse a diminuição visível no corpo redatorial), que culminou na publicação do *Almanaque Ilustrado de O Casmurro*, a 28 de Dezembro de 1905 — regular²⁰, sólida nas melhorias editoriais —, subitamente interrompida ao n.º 45 por «grave enfermidade» de um dos seus proprietários²¹.

Outra, a do segundo ano de vida, iniciada a 6 de Janeiro de 1907 — quase dez meses após a interrupção —, brevíssima, precária, acidentada. Mantendo embora a mesma “linha editorial”, **O Casmurro** deste segundo ano parecia cheio de fôlego²² e mesmo o visual aprimorado, dentro do esquema gráfico habitual, onde avultava o novo cabeçalho, prometia uma “ressurreição” plena. Mas logo se verificou um hiato entre o n.º 49, de 27 de Janeiro, e o n.º 50, de 10 de Fevereiro, por contratempos na tipografia. E seria este o último exemplar d’**O Casmurro**. O “Aviso” a toda a largura da 1.ª página era forte e mostrava impaciência com as condições políticas que cerceavam a imprensa:

AVISO: Em vista da nova lei da . . . prensa, o *Casmurro*, este anno pelo Entrudo, não será porco, não falará em mer . . . (*schiu!*) não dirá que se está cag . . . (*schiu!*) para a tal lei, não dirá que esta liberdade *a inglesa*, está mesmo a pedir tres pei . . . (*schiu!*) enfim, será um *Casmurro* serio e bem creado, embora se esteja cag . . . (*schiu!*) para tudo isto.

Fosse por este desabafo ou por outras razões, **O Casmurro** não voltou aos escapartes.

Por Pedro Teixeira Mesquita

Lisboa, HML, 25 de Junho de 2013.

¹⁹ Do n.º 1 ao n.º 45.

²⁰ Apenas com um hiato normal de Ano Novo entre os n.ºs 35, de 25 de Dezembro de 1905, e 36, de 4 de Janeiro de 1906.

²¹ V. n.º 46, de 6 de Janeiro de 1907, p. [1].

²² V. n.º 46, de 6 de Janeiro de 1907, p. [1].

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDRADE, Adriano da Guerra – *Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999. (Estudos).

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédica, Lda., 1978.